

Categorização e leitura de imagens no ciberespaço:

Discussões a partir de um estudo exploratório.

Rita de Cássia Rodrigues Oliveira (UERJ/ APEERJ)

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto da comunicação “Discussões sobre leitura de imagens na internet”, apresentada no I CIPLOM e cujo resumo teve como título “Leitura de imagens no ciberespaço: discussões para a formação de professores de ELE.” O artigo procurou conjugar tanto os aspectos que foram apresentados como os que foram discutidos após a apresentação.

A estrutura deste artigo obedece a seguinte sequência: a) primeiramente, temos a parte introdutória na qual estabelecemos algumas críticas em relação à informatização nas escolas, apresentamos autores que ilustram uma perspectiva que visa ao equilíbrio quanto à adoção das tecnologias no espaço escolar e especificamos o campo de estudo com o qual pretendemos colaborar, a saber, leitura de imagens no ciberespaço; b) na segunda parte, resumimos aspectos teóricos e metodológicos que alicerçam este artigo e a dissertação da qual ele é proveniente; c) em um terceiro momento, fazemos um breve percurso histórico para evidenciar que as políticas do governo brasileiro para incluir a informática na educação remontam à década de 1950; d) no quarto apartado temos algumas considerações sobre a leitura de imagens na internet e a proposta de categorização das imagens do ciberespaço; e) na sequência temos as considerações finais; e) terminamos com as referências bibliográficas utilizadas neste artigo.

Os meios de comunicação noticiam constantemente a informatização das escolas, ou seja, as aquisições tecnológicas que instituições de ensino privadas e públicas realizam. Tal informatização, que como será explicitado mais adiante é a culminância de uma proposta que remonta à década de 1950, serve, dentre outras coisas, para mobilizar votos em épocas eleitorais. Pautando-nos na realidade de informatização das escolas do estado do Rio de Janeiro, no discurso de sua campanha eleitoral de 2010¹, o atual governador e então candidato à reeleição,

¹ Dados proferidos pelo candidato a governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral. O discurso do qual foram retirados os dados apresentados neste trabalho foi veiculado na televisão, ao longo da Campanha Eleitoral realizada em 2010, para eleições do primeiro turno.

Sergio Cabral, afirmou que 1.300 escolas do estado já possuem laboratórios de informática. Segundo o político, chega a 800 o número de escolas que possuem computadores em sala de aula. Com esses dados, o governador prometeu que o governo do estado vai adquirir mais computadores a fim de cumprir seu objetivo principal: preparar o aluno para o futuro. Cabral não esclareceu como se dará essa preparação, não prometeu cursos de formação para os professores lidarem com as TICs, não prometeu acesso à internet. A promessa realizada foi a de comprar mais e novos computadores para equipar todas as escolas.

O político em questão prometeu preparar o discente para o futuro comprando computadores, mas de acordo com ROCA (1998), a tecnologia não pode ser pensada sem seu elemento fundamental, o humano: que, no âmbito educacional, são os professores e alunos; sendo o docente o elemento-chave para o sucesso da aprendizagem, necessitando, com as inovações tecnológicas de formação específica. Como alerta Jesús Matín-Barbero², para a inserção do computador e da Internet na escola, é necessário que todas as partes envolvidas no processo de ensino-aprendizagem tomem consciência de que as TICs modificam o que significa aprender e ensinar. Ainda segundo o especialista colombiano, é de extrema relevância que se considere que as TICs alteram a produção e a circulação do conhecimento. Deve-se, dessa forma, tentar entender a dinâmica das TICs, sem necessariamente valorá-las positiva ou negativamente. As investigações sobre o tema, parafraseando o estudioso francês Pierry Lévy, devem tentar compreender as tecnologias no mundo atual.

Pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista” (LÉVY, 1999, p. 12)

A informatização sem metodologias adequadas e problematizações de realidades se torna cada vez mais constante no ambiente escolar, considerando a realidade do estado do Rio de Janeiro³. No entanto, os meios que noticiam tais

² Palestra do Seminário Internacional sobre Diversidade Cultural, realizado em Brasília, em junho de 2007.

³ Especificamos o estado do Rio porque reconhecemos que esse processo de informatização não se dá de modo homogêneo em todo o território nacional. Durante o I CIPLOM, por exemplo, não foram raros os momentos em que, trocando nossas experiências e falando sobre nossas realidades escolares, descobrimos (ou confirmamos

processos de informatização não apresentam reflexões sobre como a inserção das tecnologias da informação e comunicação (TICs) pode modificar a prática do professor, especificamente do de línguas estrangeiras.

Documentos educacionais federais vigentes, como os PCNsMais (BRASIL, 2002), destacam que algumas das competências e habilidades a serem desenvolvidas ao longo do ensino médio são entender, analisar criticamente e contextualizar a natureza, o uso e o impacto das TICs na sociedade. Ainda que grande parte do trabalho com as TICs esteja, no documento supracitado, especificamente voltada para os professores de informática, é ressaltada a relevância da atuação de docentes de línguas estrangeiras modernas para que tais competências e habilidades sejam de fato alcançadas. Nesse sentido, é mister que discussões sobre o ciberespaço ganhem mais relevo no âmbito do ensino-aprendizagem de espanhol como língua estrangeira (ELE). Cabe acrescentar que consideramos, neste trabalho, o termo ciberespaço como a junção da tecnologia 'internet' com as ações humanas, pois as tecnologias isoladamente não modificam em nada o espaço escolar, as aulas, a maneira de ensinar e de aprender. Enfim, tecnologia sem metodologia e sem a presença e a atuação dos seres humanos envolvidos na esfera educacional não tem sentido.

Tendo em vista o ciberespaço, e tomando como uma de suas características fundamentais a multimodalidade⁴ e a hipertextualidade⁵, o presente artigo pretende colaborar especificamente para a área da leitura de imagens que se desenvolve no ciberespaço. Para tanto, apresenta discussões provenientes da dissertação de mestrado intitulada provisoriamente "Como os professores de E/LE interagem com a imagem no ciberespaço: um estudo exploratório sobre processamento leitor e TICs". A dissertação se desenvolve no âmbito do Grupo de Pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro "Laboratório de Espanhol Virtual" (LabEV)⁶, coordenado pela professora doutora Cristina Vergnano Junger e subsidiado pelo auxílio APQ-1/FAPERJ/2009.

nossas hipóteses quanto) a diferença nos processos de informatização. As regiões Norte e Nordeste, especificamente o interior das mesmas, continuam desprivilegiadas com relação ao acesso às TICs em geral.

⁴ Multimodalidade entendida aqui como sendo modos diferentes de veicular uma informação. Ou seja, as informações se apresentam sob distintas formas (imagens fixas, imagens em movimento, textos escritos)

⁵ Informações apresentadas sem hierarquia e de modo não linear, interligadas visualmente pelos *links* (nós ou ainda *enlaces*).

⁶ <http://www.labev.uerj.br/moodle>

A BASE PARA ESTE ARTIGO

Um dos aspectos que relaciona esta pesquisa ao LabEV é o nosso intuito de contribuir para o campo teórico de estudos sobre leitura em ELE relacionadas às TICs. A base teórico-metodológica empregada na referida dissertação pode ser sintetizada a seguir.

No que tange à teoria, nossos trabalhos têm em comum os seguintes princípios: a) não se vinculam a qualquer tipo de postura ufanista em relação às TICs, tendo claro que são os seres humanos os detentores dos saberes que podem ser aplicados para usar de forma adequada as tecnologias nas escolas. Nesse sentido, reconhecemos a importância da internet para a área educacional e, no caso do espanhol, ela permite que os alunos e professores tenham acesso a vários vídeos, documentos e obras que teriam dificuldades de obter de outra forma que não a virtual. Segundo reportagem de maio de 2010⁷, a língua espanhola é a terceira mais utilizada e disseminada na internet, perdendo lugar apenas para o chinês e o inglês. Nesse sentido, constitui-se em uma fonte de recursos para elaborar materiais didáticos, preparar aulas, aprofundar os conhecimentos sobre língua e cultura, receber informações sobre atualidades em geral do mundo hispânico; b) empregamos o termo TICs, e não o NTICs, para evitar uma visão descontextualizada de nossa realidade. Não vislumbramos o computador como tecnologia nova ou antiga. Essa adjetivação um tanto subjetiva vai depender de cada lugar e situação sócio-econômica, o que é novo para alguns alunos pode ser antigo ou até mesmo ultrapassado para outros; c) entendemos que a leitura multidirecional (VERGNANO-JUNGER, 2010) é capaz de estabelecer relações de compreensão crítica dos textos, devendo ser preconizada na realização de atividades de leitura em língua estrangeira, inclusive quando se tem à disposição o ciberespaço e seus hipertextos multimodais; d) de acordo com nossas observações e segundo estudiosos, a leitura no ciberespaço se dá de modo hipertextual; e) cremos que a nomenclatura que divide os seres humanos em nativos e imigrantes digitais não está adequada ao dias atuais e depende da realidade de acesso às

⁷ www.techweek.es

tecnologias de cada país, o que nos leva a rever as possibilidades classificatórias até então veiculadas.

Para fundamentar este trabalho, não contamos com muitos autores que tratem de leitura no ciberespaço tendo realizado acompanhamento sistemático para comprovar se de fato tudo muda ao ler na tela. Os trabalhos lidos e analisados ficam em torno do lugar comum e da mera constatação de considerar a leitura na tela como hipertextual, em que tudo muda, repetindo os conceitos sem testes exploratórios específicos.

Na parte metodológica, temos no GRPesq LabEV pesquisas que se caracterizam como exploratórias (RAMPOZO, 2005; BABBIE, 2008; BABBIE, 2010). O grupo adota como instrumentos de coleta o questionário com escala de *likert*, a entrevista (que ora serve para coletar dados, ora para confrontá-los), os protocolos de leitura (virtual e impressa, guiada e livre) e, além desses instrumentos, contamos com o auxílio do programa *GTKRecordMyDesktop*⁸, que possibilita a gravação da voz e de todos os movimentos que o sujeito informante faz enquanto navega (como manipula os *links*, que páginas acessa, como interage com os elementos visuais, a movimentação do cursor). Manifestamos, além disso, atitude favorável ao uso de *softwares* e sistemas operacionais gratuitos, com código-fonte aberto, tais como o *Linux*. Essa escolha visa a evitar a pirataria, a reduzir custos com aquisições de sistemas e programas e a visualizar de forma crítica o uso e o consumo de determinados sistemas operacionais.

EDUCAÇÃO E INFORMÁTICA COMO ÁREAS ESTRATÉGICAS PARA O PAÍS: RAÍZES DA INFORMATIZAÇÃO DAS ESCOLAS PÚBLICAS

O que atualmente percebemos como informatização das escolas não é um produto, mas sim a culminância de um processo que o governo brasileiro vem tentando instaurar desde meados do século XX. Após a Segunda Guerra Mundial, as telecomunicações e toda a inovação tecnológica atrelada a elas surgiram como um dos aspectos centrais para os países que desejassem ingressar no novo ciclo de acumulação de capital e de poder. Portanto, o que parece ter “caído de pára-quedas”, como uma tendência ou um modismo (o que não deixa de ser), foi aos

⁸ Programa do *Linux*. Os arquivos gravados são salvos em formato OGV e precisam ser convertidos para o formato AVI, caso haja a necessidade de visualizar os arquivos em programas de outros sistemas operacionais (como o Windows Media Player que roda no Windows, entre outros).

poucos sendo alimentado. Como forma de ilustrar melhor esse mecanismo que alia a informática e a educação, apresentamos a seguir um breve percurso histórico das políticas que viabilizaram o que nos chega hoje.

Nas décadas de 1960 e 1970, o governo ditatorial brasileiro adquiriu e promoveu o desenvolvimento de equipamentos e tecnologias como o computador Patinho Feio ou Cisne Branco da USP, além de instituir cursos de graduação e pós-graduação relacionados à informática através do Programa Nacional de Treinamento em Computação.

No início da década de 1980, como consequência da realização de seminários nacionais sobre Informática na Educação, foi proposto o Programa de Informática na Educação. Antes do fim da ditadura, foi aprovada com o apoio da Secretaria Especial de Informática - SEI - a Lei de Informática, que fazia reserva de mercado para a indústria nacional de computadores e *software* - indústria que parecia não existir, uma vez que os programas e equipamentos não eram desenvolvidos com tecnologia brasileira.

No final da ditadura e início do período dito democrático, foi implementado o Educom⁹ nas principais universidades do país, com o objetivo maior de promover um novo olhar sobre a informática na educação, atendendo a áreas de ciências exatas e biológicas, bem como a área de Letras (Língua Portuguesa). Dois fatos marcam essa nova proposta. Primeiramente, o Educom apostava no computador como ferramenta para aprendizagem, e não uma máquina de ensinar, inclinava-se para uma nova proposta pedagógica em que o aluno aprendesse com seus próprios erros e construísse seu conhecimento a partir de métodos intuitivos. Sem segundo lugar, o fato de ter sido aplicada a linguagem do Educom na área de Língua Portuguesa.

Após sanções econômicas sofridas pelo governo norte-americano, que se apoiou no artigo 301 da Lei de Comércio dos Estados Unidos, mas não somente devido a esse acontecimento, o Brasil adotou medidas como o Plano de Ação Imediata em Informática na Educação – PAIE.

Entre 1988 e 1989, o MEC organizou o Programa de Formação de Recursos Humanos para Áreas Estratégicas – RHAE, sendo a Informática uma delas; a I Reunião Latino-americana de Informática na Educação e a Jornada Luso Latino-americana de Informática na Educação. Na década de 1990 é aprovado o Programa

⁹ <http://www.chaves.com.br/TEXTSELF/EDTECH/educom.htm>

Nacional de Informática na Educação – PRONINFE, que logo perdeu forças devido aos problemas políticos do país.

Políticas mais consistentes para promover novamente a informática na educação são consolidadas em fins da década de 1990, com a criação da Universidade Virtual Pública do Brasil, a UNIRED e do Programa de Informática na Educação – PROINFO. Este programa tem como objetivo informatizar todas as escolas públicas do Brasil até o final de 2010. Devido a este objetivo, vemos que, pelo menos em alguns pontos do país, tal processo de informatização tem sido realizado com empenho pelos governantes. No entanto, os computadores, os laboratórios de informática e o acesso à internet já são em si suficientes para modificar a educação?

AS IMAGENS NA INTERNET

As informações no ciberespaço são veiculadas de diferentes modos tais como sons, imagens estáticas e em movimento, ou seja, percebemos a multimodalidade. No entanto, como alerta CRYSTAL (2002, p. 61), “El hecho de que todo el mundo pueda acceder a este nuevo lenguaje visual no garantiza que todo el mundo lo utilize bien”. Para utilizar as imagens de modo crítico, é necessário preparar o aluno e o professor para lidarem com esse material visual. Nos PCNsMais (Brasil, 2002) podemos notar a orientação de levar à sala de aula materiais que permitam reflexões críticas sobre as TICs.

Neste novo século, a vida do jovem está cada vez mais marcada pela leitura de imagens e palavras cujo suporte é a mídia eletrônica (tevé, vídeo, cinema, computador etc.), provocando novas maneiras de constituir-se como leitor e escritor, assim como novas formas de estar neste mundo marcado pela cultura tecnológica, de compreendê-lo e interferir nele. (BRASIL, 2002, p.227)

Nesse sentido, a dissertação de mestrado, anteriormente explicitada, busca investigar como se dá a leitura de imagens no ciberespaço. Nossos primeiros passos evidenciaram a ausência de autores que investigassem tal fenômeno e também a inexistência de categorizações dessas imagens. Alguns teóricos, como BRAGA (2004) explicitam que há mudanças, mas não avançam além da mera constatação de que existe atualmente a tendência em expressar de modo visual o que antes era expresso somente por meio do verbal. Nossa primeira tentativa de categorização pode ser lida em OLIVEIRA (2010).

No entanto, após novas observações, constatamos que a categorização precisava ser revista. A autora JOLY (1996: 23) destaca que as imagens na internet ocupam lugar tão destacado quanto os textos verbais. Tendo em vista essa observação de Joly, que nos faz refletir sobre as relações que as imagens estabelecem com o verbal, e nossas constantes investigações, chegamos à seguinte categorização das imagens no ciberespaço¹⁰:

- a) imagens que apontam para procedimentos, geralmente chamadas de ícones (ir para *home*, voltar, avançar, acessar *link* etc);
- b) imagens/recursos tipográficos que tentam resgatar aspectos da interação conversacional, como os emoticons, o uso de caixa alta, de negrito, de sublinhado etc;
- c) imagens relacionadas a textos verbais de acordo com os gêneros discursivos (BAKHTIN, 1997) nos quais estão inseridas.

Com a nova categorização, o que percebemos é que a imagem veiculada na internet sempre estará acompanhada de textos verbais. As conclusões que surgem das observações da leitura dessas imagens serão em breve divulgadas como resultado da dissertação. A leitura será acompanhada tendo em vista a metodologia já explicitada no início deste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que percebemos a partir de nossas investigações é que há carência de estudos exploratórios na área de leitura no ciberespaço, especificamente no que tange à categorização e leitura de imagens. Pretendemos com nosso trabalho estimular outras propostas que visem a contribuir para um melhor entendimento dessa modalidade de leitura e que a explorem no âmbito do ensino-aprendizagem de ELE. Pretendemos contribuir também para que os estudos sobre TICs aplicadas à educação sejam críticos e sem propostas ufanistas. A ausência de materiais voltados para as TICs aplicadas ao E/LE e de materiais brasileiros sobre as TICs, tendo em vista a realidade de nosso sistema educacional e a democratização do acesso aos meios informáticos justifica estudos como o que propomos neste artigo.

¹⁰ Não exemplificamos cada categoria porque o espaço para adicionar as imagens seria insuficiente, dado o máximo de páginas estipulado para este artigo.

REFERÊNCIAS

- BABBIE, Earl. (2008) The basics of social research. USA: Thomson Higher Education.
- _____. (2010) The practice of social research. USA: Cengage Learning.
- BAKHTIN, Mikhail. (1997) *Estética da criação verbal*. Trad. Maria E. G. G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes (Coleção Ensino Superior)
- BRAGA, D.B. (2004) Linguagem pedagógica e materiais par aprendizagem independente de leitura na web. Em: Collins, H.; Ferreira, A. (orgs) Relatos de experiências de ensino e aprendizagem de línguas na internet. p. 157- 184 Campinas: Mercado de Letras.
- BRASIL. (2002) Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs+. Brasília: MEC/SEE.
- CRYSTAL, David. (2002) El lenguaje e internet. Madrid: Cambridge.
- JOLY, M. (1996) Introdução à análise da imagem. Campinas, Papius.
- LÉVY, Pierre. (1999). Cibercultura. São Paulo: 34.
- OLIVEIRA, Rita de Cássia Rodrigues. (2010) Leitura de imagens na internet: reflexões sobre TICs aplicadas ao ensino de espanhol como língua estrangeira. P. 1022-1036. Em: Anais do SETA – volume: 04. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/seta/article/view/992> Acesso em: 20/07/2010.
- RAMPAZO. Lino. (2005) Metodologia científica: para alunos de graduação e pós-graduação. Edições Loyola: São Paulo.
- ROCA, OCTAVI. (1998) A autoformação e a formação à distância: as tecnologias da educação nos processos de aprendizagem. Em.: SANCHO, Juana M. (org) Para uma tecnologia educacional. (trad.: Beatriz Affonso Neves). p.184-207, Porto Alegre: ArtMed.
- VERGNANO-JUNGER, C. S. (2010) Elaboração de materiais para o ensino de espanhol como língua estrangeira com apoio da Internet. Em: Revista Calidoscópico. Disponível em: <http://www.unisinos.br/revistas/index.php/calidoscopio/article/view/156/12>. Acesso em: 29/08/2010.